



Universidade
Estadual da
Paraíba

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

SAMANTHA BRUNA SANTOS

**AVALIAÇÃO DA PROFESSORALIDADE EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE
CAMPINA GRANDE – PB**

CAMPINA GRANDE –PB
Dezembro/2014

SAMANTHA BRUNA SANTOS

**AVALIAÇÃO DA PROFESSORALIDADE EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE
CAMPINA GRANDE – PB**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas pedagógicas interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Secretaria Estadual de Educação da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Auricélia Lopes Pereira

CAMPINA GRANDE – PB
Dezembro/2014

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237a Santos, Samantha Bruna.
AVALIAÇÃO DA PROFESSORALIDADE EM UMA
ESCOLA ESTADUAL DE CAMPINA GRANDE [manuscrito] /
Samantha Bruna Santos. - 2014.
48 p. : il. colorido.
Digitado.
Monografia (Especialização em Práticas Pedagógicas
Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-
Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância ,
2019.
"Orientação : Profa. Dra. Auricélia Lopes Pereira ,
Coordenação do Curso de História - CEDUC."
1. Educação. 2. Prática docente. 3. Motivação. I. Título
21. ed. CDD 370.1

SAMANTHA BRUNA SANTOS

**AVALIAÇÃO DA PROFESSORALIDADE EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE
CAMPINA GRANDE – PB**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas pedagógicas interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Secretaria Estadual de Educação da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

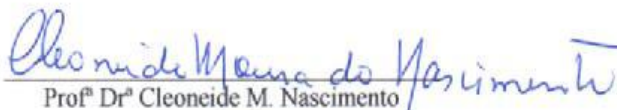
Aprovada em 12/12/14



Profª Drª Auricélia Lopes Pereira / UEPB
Orientadora



Profª Drª Eduardo Gomes Onofre
Examinador



Profª Drª Cleoneide M. Nascimento
Examinador

CAMPINA GRANDE-PB
Dezembro/2014

DEDICATÓRIA

A Deus, em primeiro lugar sempre, por ter me presenteado com a capacidade e a força de vontade necessárias para chegar até aqui.

À minha mãe pela força sobre-humana concedida em todos os momentos, especialmente nos mais difíceis.

À minhas duas filhas, tesouros da minha vida, que aguentaram minhas ausências e continuaram amando-me incondicionalmente.

AGRADECIMENTO

A Deus por sempre ter me proporcionado a oportunidade de estudar sempre.

A minha orientadora, professora Dr^a Auricélia Lopes Pereira pela confiança e compreensão.

A toda a minha família que esteve presente dando-me força e apoio em todos os momentos.

A Leandro e Arlete por me apoiarem e ajudarem nos momentos difíceis.

EPÍGRAFE

"Assim como uma única isca não pode atrair qualquer tipo de peixe, uma metodologia única não é capaz de alcançar diferentes tipos de alunos."

Monica Valéria

RESUMO

O grande avanço tecnológico ocorrido nas últimas décadas produziu mudanças que afetaram profundamente o conceito de Identidade e a forma como os indivíduos vêem a si mesmos e aos seus pares no dia a dia das interações sociais das quais participa. Tal fenômeno repercutiu, inevitavelmente, no campo educacional suscitando a necessidade, por parte do sujeito-professor, de buscar ferramentas cognitivo-metodológicas para atender às novas demandas atribuídas ao educador sem perder, entretanto, as nuances que o definem enquanto indivíduo nas demais esferas sociais. Este trabalho procurou descrever a forma como os professores de uma escola pública estadual de Campina Grande – PB enxergam esse processo e tentam lidar com os novos papéis conferidos à profissão, utilizando, para isso, o conceito de Professoralidade¹ e um questionário aplicado com quinze sujeitos. Concluímos que há uma grande necessidade de reflexão sobre o processo descrito acima por parte dos sujeitos e dos educadores de modo geral, pois, através de uma reflexão consciente sobre as demandas mencionadas, os sujeitos poderiam direcionar mais adequadamente seus esforços, atingindo melhores resultados tanto pedagógicos quanto pessoais.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Professoralidade. Práticas. Reflexão.

¹ PEREIRA, M. V. Estética da Professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor / Marcos Villela Pereira. – Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013

ABSTRACT

The great technological advances in recent decades has produced changes that profoundly affected the concept of identity and how individuals see themselves and their peers in daily social interactions in which it participates. This phenomenon reflected, inevitably, in the educational field indicating the need, by the subject teacher, to seek cognitive and methodological tools to meet the new demands assigned to the educator without losing, however, the nuances that define it as an individual in other social spheres . This study sought to describe how teachers in a state school in Campina Grande - PB sighted this process and try to deal with the new roles assigned to the profession, using, for this, the concept of Professoralidade and a questionnaire administered to fifteen subjects. We conclude that there is a great need for reflection on the process described above by individuals and educators in general, because, through a conscious reflection on the aforementioned demands, the subjects could direct more adequately their efforts, achieving better results both pedagogical and personal.

SUMÁRIO

1.	Introdução.....	10
2.	A identidade e sua crise: um mito em desconstrução.....	12
2.1.	Crise ou desmistificação: Eis a questão!	12
3.	Professoralidade: a ascensão da diferença do sujeito	15
4.	O que é? Como se faz?	16
4.1	Uma luz no fim do túnel.....	16
5.	Avaliação da construção da Professoralidade como professores de uma escola estadual de Campina Grande – PB.....	17
	Campo empírico	17
6.	Conhecendo a amostra.....	18
7.	Como se vem a ser professor?	21
8.	Eu me reinvento, tu te reinventas, eles aprendem.	28
9.	A construção da diferença	37
10.	Considerações finais	43
11.	Referências bibliográficas	45
12.	Apêndice.....	46
	Questionário:	46

1. Introdução

Muito se tem discutido acerca do que signifique, atualmente, o conceito de Identidade. Entretanto, toda essa discussão não tem sua origem na pós-modernidade, ao contrário disso, é uma discussão antiga. O que aparenta existir de novo nesse cenário é certo modismo sobre uma pressuposta “crise de identidade” que parece afetar o ser humano nas mais diversas esferas existenciais.

Apesar das muitas dissensões teóricas, a noção de que a identidade não representa, e nunca representou, uma entidade homogênea parece sobrepor-se à ideia de crise propriamente dita (HALL,2006). Pois, se a identidade é, e sempre foi, um aparato eclético e heterogêneo não há que se falar em crise e sim em representações metamorfósicas, ou dialéticas da realidade.

No que tange a educação, ambiente virtual politicamente polêmico, porque já muito povoado de teorias das mais diversas origens (metodológicas, sociais, psicológicas, etc.), percebemos que a enxurrada de transformações teórico-metodológicas que vem atingindo o setor nas últimas décadas, evidencia o aumento da complexidade do estabelecimento da identidade do professor tanto dentro da sala de aula quanto fora dela.

Fora de sala de aula porque, enquanto sujeito, o educador não pode excluir-se de assumir determinada(s) identidade(s). Sendo essas identidade(s) “selecionadas” conforme as demandas sociais que lhe são impostas desde os primeiros contatos com as regras de conduta disponibilizadas pelo aparato cultural que lhe seja mais próximo

Dentro de sala de aula, por outro lado, o educador vê-se diante de sujeitos, vindos dos mais diversos cenários socioeconômicos e, que, além disso, são parte de núcleos familiares desestabilizados seja pela desestruturação familiar, pela falta de acesso à educação, à saúde, ou até mesmo pela falta das condições básicas de sobrevivência.

A realidade atual nas salas de aulas, sejam estas do setor público ou privado, parece estar se configurando numa das mais complexas das últimas décadas no Brasil, especialmente se considerarmos o aumento do índice da violência contra o professor dentro da escola.

Um conceito que se relaciona diretamente ao de Identidade e que, por isso mesmo, surge como uma solução encontrada pelos educadores para as realidades citadas acima é o de Professoralidade (PEREIRA, 2013). Nesse sentido, objetivamos, através de

pesquisa desenvolvida com professores de ensino fundamental e médio, realizar uma amostragem dos instrumentos subjetivos utilizados por estes para construir a sua Professoralidade e, assim, estabelecer-se enquanto profissional na sociedade e enquanto modificador da realidade.

2. A identidade e sua crise: um mito em desconstrução

Historicamente, costuma-se dividir o conceito de Identidade em três **concepções** diferentes: a Iluminista, a Sociológica e a Pós-moderna. Segundo Hall (2006), a primeira representa o indivíduo centrado, unificado, dotado de plena racionalidade. A segunda, por sua vez, representa o indivíduo que atua sobre a sociedade ao mesmo tempo em que é o produto de regras e condutas sociais, chegando, muitas vezes, a confundir-se com o meio social em que vive. A terceira perspectiva, a Pós-moderna, é aquela que advoga um sujeito fragmentado, ausente de si e carente de uma auto-conceituação, em “crise”.

2.1. Crise ou desmistificação: Eis a questão!

Apesar do grande número de teóricos dispostos a explicar a origem de uma suposta crise de identidade, originária dos fenômenos sociais pós-modernos, já há um consenso de que constitui ingenuidade pensar em um sujeito dotado de uma identidade única, sob qualquer perspectiva. Até porque, como afirma Hall (2011) apud David Harvey (2000), a modernidade pode ser caracterizada por um processo sem-fim de rupturas e fragmentações internas no seu próprio interior. Como então poderíamos teorizar acerca de certa identidade para um dado sujeito, se a própria sociedade moderna parece produzir um sujeito complexo e multifacetado?

Segundo Hall, a identidade pode ser definida da seguinte forma:

Utilizo o termo “identidade” para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós (Hall, 2000, p. 111-112).

Desse modo, no tocante à Identidade, o que parece existir são identificações momentâneas, artifícios identitários aos quais o sujeito recorre conforme sua necessidade, conforme a cultura predominante em dado momento histórico, na

sociedade em que vive. Em um tempo em que a própria cultura é flexibilizada ao extremo por causa das trocas de costumes favorecidas pela internet, esse sujeito é comporta-se como uma espécie de “Camaleão social”, assumindo “personas” conforme os contextos pelos quais transita lhe permitem.

Se as demandas sociais são muitas e diversificadas, nada mais lógico do que, mesmo enquanto indivíduos, nos adequarmos a estas demandas, pois a própria modernidade traz um forte movimento de direcionamento sobre o comportamento dos indivíduos.

Segundo Hall (2006) apud Ernest Laclau (1990):

As sociedades da modernidade tardia são caracterizadas pela “diferença”; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito” – isto é, identidades – para os indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. Mas essa articulação é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta. Sem isso, não haveria história.

As possibilidades de ação do sujeito são delineadas, entretanto, não são limitadas. Ainda conforme Hall (2006):

A identidade torna-se uma “celebração móvel” formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente (Hall, 2006, p. 12-13).

Além disso, o desenvolvimento tecnológico, traduzido pelo obsessivo uso das mídias e redes sociais, cria espécies de “amarras sociais” que limitam as possibilidades identitárias às quais temos acesso. Observa-se uma espécie de ciclo, onde a sociedade fornece as condições e limites comportamentais para o indivíduo e este, por sua vez, movimenta as engrenagens deste sistema ao mesmo tempo em que o modifica, imprimindo-lhe pequenas marcas. Segundo Silva (2000):

A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição – discursiva e lingüística – está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas (SILVA, 2000, p. 81).

Vemos, então, um consenso no meio do mar de dissensões teóricas acerca da definição de Identidade: o meio social delinea e, de certo modo, impõe os papéis sociais aos quais os sujeitos recorrerão na busca cotidiana de afirmação, de construção das diversas identidades.

3. Professoralidade: a ascensão da diferença do sujeito

A questão da já desmistificada “crise de identidade” reveste-se de mais complexidade quando o sujeito assume o papel social de professor, pois além da fragmentação promovida pela enxurrada de transformações socioculturais trazida pela pós-modernidade, este sujeito é atingido por uma redefinição da função social de sua profissão.

O professor, ainda que defina os “pontos de apego” identitários que lhe serão mais adequados assumir enquanto sujeito social, muitas vezes, tem dificuldade para realizar adequadamente tal posicionamento em seu cotidiano profissional, pois além de ser compelido a ponderar os posicionamentos considerados mais aceitos pelos seus pares, precisa levar em consideração também a forma como suas atitudes afetam o cotidiano dos alunos.

A complexificação dessa realidade se dá porque, como vimos anteriormente, a identidade não constitui algo homogêneo e inato, mas é construída na interação entre sujeitos em seu meio social, dessa forma, a identidade dos alunos será diretamente influenciada pela figura de autoridade do professor.

Do ponto de vista psicanalítico, Hall (2006) caracteriza esse processo da seguinte forma:

“A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros.”

A questão crucial é que o professor é um sujeito, que necessita definir-se enquanto indivíduo diante das demandas sociais às quais é submetido, em uma pós-modernidade que o empurra para a fragmentação. Mas, além de definir seus próprios pontos de apego, carrega a responsabilidade de, dentro do seu contexto específico de ação profissional, assumir posições que contribuam positivamente para as “autodefinições” de outros sujeitos.

4. O que é? Como se faz?

Segundo Pereira (2013), para resolver tal dilema, não parece suficiente o professor assumir posicionamentos, mas faz-se necessário que este produza diferenças de si enquanto sujeito, porque longe de estabelecer padrões, essas diferenças teriam função contingencial e não estagnatória. O autor denomina esse movimento de *Professoralidade* e a define da seguinte forma:

Estou entendendo que a Professoralidade não é uma identidade que o sujeito constrói, ou assume ou incorpora, mas, de outro modo, é uma diferença que o sujeito produz em si. Vir a ser professor é vir a ser algo que não se vinha sendo, é diferir de si mesmo. E, no caso de ser uma diferença, não é a recorrência a um mesmo, a um modelo ou padrão. Por isso, a Professoralidade não é, a meu ver, uma identidade: ela é uma diferença produzida no sujeito. A Professoralidade é um estado em risco de desequilíbrio permanente. (Pereira, 2013. Pg. 35)

Se considerarmos que, a cada turma de alunos, o professor encontra desafios que fogem do geral e apresentam diferenças peculiares, entenderemos o porquê de Pereira afirmar que a *Professoralidade* é um estado em constante risco de desequilíbrio. Muito além de definir-se, o professor precisa redefinir-se constantemente levando em consideração seus pares, seus alunos, a posição que sua profissão passou a ocupar na sociedade pós-moderna e, até mesmo, o seu próprio conhecimento.

Diferentemente da identidade, a Professoralidade não constitui padrões, ou conjuntos de condutas agrupadas conforme o contexto social. Por ser uma diferença produzida pelo sujeito, a Professoralidade apresenta características únicas de acordo com o professor que a desenvolve. Segundo Rabelo (2007):

A Professoralidade pode ser analisada como um devir, um porvir. A memória que tem como potência a criação de algo novo é capaz de levar o docente a desenvolver uma forma de ser diferente da imposta pela sociedade. Isso não significaria que o professor tem que se distanciar do seu grupo profissional, mas que ele não deve submeter-se a uma “identidade fixa” do professor.

4.1 Uma luz no fim do túnel

A Professoralidade surge, na pós-modernidade como uma espécie de “truque na manga” para os professores, especialmente depois do forte movimento migratório de professores, dos mais diversos níveis de ensino, para outras áreas de atuação

profissional ocorrido nos últimos anos. Movimento este ligado à questão da satisfação profissional. Nesta área, percebemos uma espécie de “murmúrio coletivo” por parte dos professores que enfrentam o dilema de assumir para a sociedade suas insatisfações profissionais e, ao mesmo tempo, manter a imagem consagrada do educador que escolheu a profissão por uma vocação sagrada. Segundo Esteve, as transformações sociais que assolam a educação:

“(...) supõem um profundo e exigente desafio pessoal para os professores que se propõem a responder às novas expectativas projetadas sobre eles.”
(ESTEVE, 1999, p.31)

5. Avaliação da construção da Professoralidade como professores de uma escola estadual de Campina Grande – PB

Campo empírico

Investigar sobre identidades afigura-se sempre um processo complexo e carente de bastante aprofundamento, entretanto, em nossa pesquisa, privilegiamos o enfoque em algumas questões que consideramos importante para demonstrar como a Professoralidade pode se constituir em instrumento de fundamental importância para o trabalho do professor.

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola estadual da cidade de Campina Grande – PB, com 15 (quinze) professores do ensino fundamental I e II e também do ensino médio, para fins de organização, cada professor será descrito pela variável P seguida de um número de um a quinze (P1, P2, P3, ..., P15).

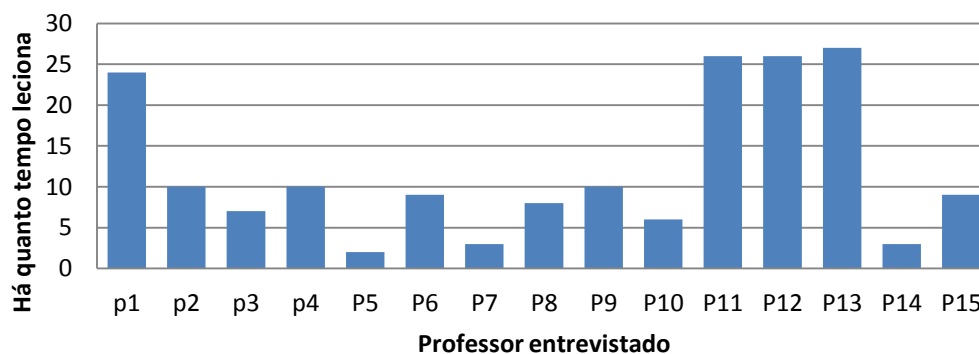
Aplicamos um questionário misto com 15 (quinze) perguntas sendo 4 (quatro) questões de cunho objetivo e 11 (onze) questões subjetivas (Apêndice). Procuramos envolver professores com o conhecimento mais diversificado possível, cuja experiência profissional fosse desde a iniciante até vários anos de atuação. Além disso, os sujeitos atuam em vários campos e possuem diferentes faixas etárias.

O método hermenêutico de análise das respostas foi baseado na Análise do Discurso. O objetivo de eleger este método foi nos apropriarmos das respostas dos professores buscando indícios ou marcas lingüísticas que pudessem denotar o pensamento inconsciente do professor em relação à construção da sua Professoralidade.

6. Conhecendo a amostra

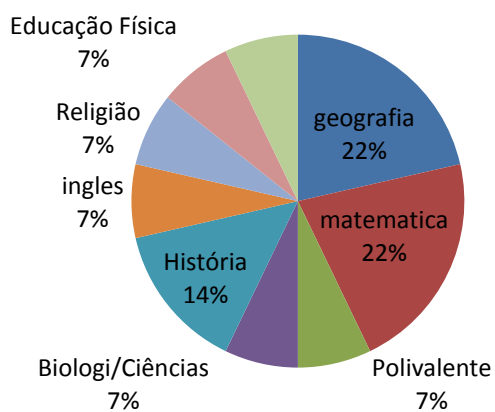
A seguir, para facilitar a compreensão dos dados que serão analisados na próxima seção, temos algumas características dos sujeitos entrevistados:

Tempo de profissão

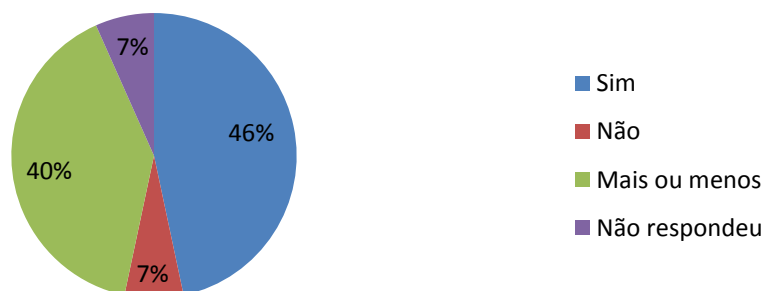


Português
7%

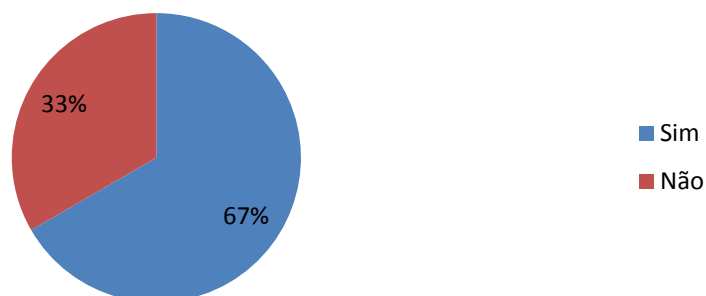
Que disciplina você leciona?



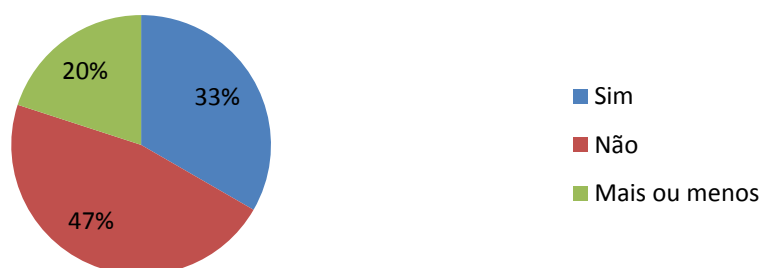
Você se sente alegre ao trabalhar como professor?



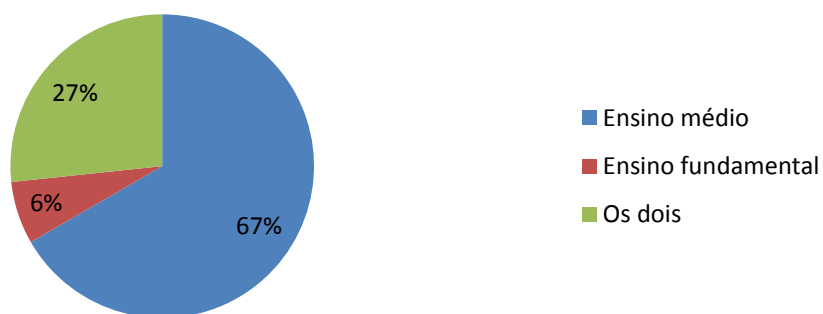
Você já pensou em mudar de profissão?



Na sua opinião, o professor, enquanto sujeito, comporta-se da mesma forma dentro e fora da sala de aula?



Você considera mais fácil ensinar a alunos do ensino fundamental ou médio?



7. Como se vem a ser professor?

Há algumas décadas atrás, a profissão de professor era sinônimo de prestígio social e, até mesmo, de altos salários. Com o decorrer dos anos, difundiu-se socialmente a quimera de que só deveria tornar-se professor o indivíduo que tivesse o “dom” de ensinar. De modo que, em plena modernidade ainda encontramos quem culpe “a falta de amor do professor pelo que faz” quando um aluno tem dificuldades de aprendizado.

No intuito de saber como essa questão apresenta-se na perspectiva dos professores, colocamos a seguinte pergunta no questionário: “Você escolheu a profissão por vocação ou por outros motivos?”. Surpreendentemente, a maioria dos entrevistados creditou sua adesão ao mundo da docência a uma suposta “vocação”, tendo sido esta descrita como anterior a profissão em alguns casos e posterior a ela em outros, conforme nos mostra a tabela de respostas abaixo:

Professor	Motivo pelo qual escolheu a profissão
P1	Vocação
P2	Pelo curso e depois surgiu a vocação
P3	Acredito que por vocação.
P4	Por causa da oferta de vagas em concurso. Gosto de dá aulas também.
P5	Não foi por vocação. Mas como não pude fazer Medicina, resolvi fazer um curso na área que eu mais me identificava, por eliminação, escolhi esta.
P6	Por vocação. Acreditava na educação e no seu poder de transformação.
P7	Primeiro escolhi a área, depois acabei sendo professor por melhores oportunidades.
P8	Por falta de opção
P9	Vocação mesmo.
P10	Vocação.
P11	Não por vocação, mas sim por gostar da disciplina e compromisso com a sociedade.
P12	Fui convidada para ensinar quando ainda era estudante do ensino médio e só depois descobri a vocação.
P13	Por incentivo dos meus pais, já que minha mãe era professora.
P14	Sempre fui movido pela curiosidade sobre o passado, então estudar História, para mim, foi muito, e ainda é, para partir para pesquisas mais profundas sobre meu

	objeto de pesquisa, importante fazer o curso, devido ao embasamento teórico e metodológico. Confesso que na metade do curso é que tive a curiosidade de entrar na área de ensino, sala de aula, gostei e até hoje estou.
P15	Gostava muito das disciplinas de ciências exatas e isso foi importante. Acredito também ter vocação para lecionar.

Como podemos perceber na tabela acima, seis professores (P1, P3, P6, P9, P10 e P15) afirmaram categoricamente terem escolhido a profissão por vocação. Outros dois professores (P2 e P12) disseram ter descoberto essa vocação depois de já estar em sala de aula e os demais (P4, P5, P7, P8, P11, P13 e P14) oscilaram entre gosto ou identificação pela disciplina, ou ainda incentivo por parte da família.

Tal constatação demonstra que é forte a “ideologia da vocação” na mente da maioria dos entrevistados, o que parece indicar que estes concordam com a noção social da responsabilidade inevitável pelo aprendizado do aluno.

Outra questão que consideramos relevante para entender o que levou estes professores a escolherem a profissão foi: “Você acha que existe diferença entre ser professor e ser educador?”

O questionamento mencionado acima foi realizado no intuito de descobrir se o professor confere à sua prática cotidiana funções que vão além da mera instrução conteudística. Consideramos relevante a pergunta porque a forma como o professor enxerga o leque de sua responsabilidade profissional vai definir de quais instrumentos sócio-ideológicos ele vai lançar mão para construir sua Professoralidade.

Professor	Você acha que existe diferença entre ser professor e educador?
P1	Os dois andam juntos
P2	Há momentos (ou sujeitos) que são educadores e outros professores.
P3	Como a palavra já diz, educador é aquele que além de ensinar apenas o conteúdo, ensina para a vida.
P4	Sim. Professor transmite conhecimentos, educador vai além. Forma cidadãos.
P5	Sim. O professor apenas expõe um conteúdo, educador faz refletir, inspira e motiva o aluno.
P6	O conceito de educador é mais amplo. De

	forma simplista, educador é aquele que se compromete com a educação para além dos muros da escola.
P7	Professor é a profissão. Educador é aquele que cumpre o papel de professor com êxito.
P8	O professor é aquele que ensina, mostra o conteúdo, avalia, etc. Educador vai além do ensino conteudista, ensina noções de ética, moral, ajuda, etc.
P9	Sim, o professor é alguém que exerce uma função. Já o educador se preocupa com a formação de seus alunos.
P10	Professor ensina conteúdos específicos. Educador educa para a vida social.
P11	Sim! Professor transmite conhecimentos e educador educa. Nós temos que ser os dois hoje!
P12	Sim. Professor somente ensina e repassa conteúdos e Educador participa do processo educacional e se preocupa com o mesmo.
P13	Sim, professor é profissão, Educador é missão.
P14	Posso parecer um tanto radical, mas na verdade existe sim. Não sou educador, não me encaixo, haja vista que ser educador está além dos muros da escola, educador, na realidade, são os pais. Para mim, dizer que o professor é educador é uma das estratégias das instâncias maiores para transferir a culpa dos maus rendimentos dos maus rendimentos dos alunos em sala de aula, até mesmo culpar os professores da falta de educação social que pais, que também não são compromissados com seus filhos, não dão para eles em casa. Então, não sou educador, sou professor, porque meu papel é trabalhar com o conhecimento intelectual, fazer com que meus alunos compreendam a História, os processos trabalhados em sala e se transformem em sujeitos. Assim como meu dever como professor é trabalhar para que os alunos passem também em concursos, vestibulares, para terem mais possibilidade de vencer a batalha da vida.
P15	Para mim, o professor não é só alguém que “passa” conteúdos. Mas, principalmente nos tempos atuais, devido

	às dificuldades enfrentadas nas famílias, o professor torna-se uma junção de ambas as coisas (professor e educador).
--	--

Neste tópico, percebemos um fato interessante: todos os 16 entrevistados afirmaram haver diferença entre os dois conceitos, entretanto, 13 deles não se posicionaram sobre em qual dos dois eles se enquadram, 1 respondeu que é a junção dos dois e apenas 1 dos entrevistados fez questão de enfatizar uma opinião diferente.

Segundo P14, a responsabilidade de educar é dos pais, enquanto que, como professor, sua função seria instruir o aluno na aprendizagem intelectual, conforme se percebe em sua resposta na tabela acima.

Aqui vemos um exemplo claro de construção da Professoralidade. Enquanto os demais professores limitaram-se a responder à pergunta dentro do campo significativo solicitado, P14 demonstra características marcadas de seu modo de agir dentro de sala de aula. Características estas indiciadas no seu discurso. Ainda que não aceite que possui responsabilidade na formação do aluno como sujeito, o professor demonstra a diferença proposta por Pereira quando escolhe privilegiar uma didática voltada para o ensino intelectual.

Outra questão que consideramos relevante é a visão dos professores entrevistados sobre o exercício da profissão nos dias atuais e esse mesmo exercício há duas décadas. A importância desse questionamento se dá na medida em que esses professores começaram sua vida acadêmica em um contexto de transição do lugar do professor na sociedade. Quando escolheram enveredar pela área, o professor era uma figura de autoridade, possuindo um status decisivo nas diversas camadas sociais. Nessa época possuíamos outra concepção de núcleo familiar, na qual as figuras de autoridade eram mais bem marcadas do que atualmente. O reconhecimento dessas figuras de autoridade dentro do núcleo familiar era transportado pelo aluno para a escola, onde o professor assumia um desses lugares e construía em cima disso a sua própria autoridade dentro de sala de aula.

Atualmente, por outro lado, presenciamos o surgimento de novos núcleos familiares, onde os lugares de autoridade são flexibilizados a ponto de haver um enfraquecimento do próprio conceito de autoridade. Junte-se a isso as transformações culturais ocorridas devido ao multiculturalismo trazido pela disseminação tecnológica que transpassa todo o planeta e temos, não apenas um indivíduo fragmentado, mas

também um indivíduo carente de instituições sociais nas quais estabelecer-se enquanto agente modificador da realidade, já que essa realidade é dinâmica e fluida.

Observemos o que os entrevistados responderam:

Professor	Você acha que existe diferença entre ser professor atualmente e há vinte anos?
P1	Sim
P2	Sim
P3	Acredito que atualmente exista uma maior valorização do profissional de educação
P4	Sim. Diferença no comportamento dos alunos.
P5	Sim. Há vinte anos os alunos respeitavam os professores.
P6	Sim. A sociedade mudou e, conseqüentemente, os interesses dos envolvidos no processo educacional, também mudaram.
P7	Há vinte anos não era valorizado, mas hoje era respeitado pelos alunos.
P8	Sim, pois atualmente melhorou muito os recursos didáticos, profissionais, etc.
P9	Sim. A formação do professor tinha outras prioridades.
P10	Sim. Hoje é mais difícil reter a atenção do aluno em meio a tanta distração a exemplo facebook.
P11	Sim e muita, porque a realidade é outra, evoluímos muito.
P12	Sim. Os alunos não respeitam o professor.
P13	Com certeza. Até porque a família participa mais.
P14	Há! E como existe, na minha disciplina há vinte anos os cursos superiores de história possuíam outros referenciais teóricos para o ensino da disciplina. Mesmo pelo contexto da época em que o Brasil, vou voltar um pouco mais para trás para explicar, vamos estender há trinta anos. Nesse período estávamos vivendo a época da abertura democrática, lutas sindicais, período de inflações constantes na economia da época. Isto, no entanto, teve reflexo nos livros e na formação dos professores, pela tradição Marxista que surgiu não apenas aqui na Paraíba, mas, em todo país. Os livros eram escritos na

	<p>expectativa da luta de classes, todos os fatos eram explicados através das crises econômicas, a História era resumida a causas e consequências, onde o professor era aquele que de certa forma iria despertar uma consciência de classe nos alunos. Hoje vivemos num mundo onde tudo é objeto de estudo para o historiador, não vivemos mais num mundo da luta de classes, mas das vozes, paixões, emoções, táticas e astúcias dos diversos sujeitos. Sei que o livro didático ainda possui resquícios daquela época, mas estão melhorando pelos textos complementares que alguns autores colocam. Outra é diferente também pelos autores novos que sempre vêm discutindo novas abordagens nas graduações, que são refletidos em nossa sala, através dos novos temas, métodos e objetos para o ensino de História.</p>
P15	<p>Sim. Uma vez que as realidades são distintas e dependem do tempo. A mente dos estudantes de antes são em certo sentido diferente da dos estudantes de hoje. Ainda pode-se acrescentar a evolução que há nos métodos de ensino, etc.</p>

Todos os professores responderam que existem sim diferenças entre exercer a profissão há vinte anos e atualmente. E, além disso, questões importantes foram suscitadas, tais como: uma suposta valorização do professor (conforme as falas dos entrevistados P3 e P7), a indisciplina dos alunos (questão mencionada neste trabalho na discussão sobre os núcleos familiares, traduzida nas falas dos professores P4, P5, P10 e P12) e a mudança nos tipos de formação oferecidos ao professor e exigidos dele (P6, P8, P9, P11, P14 e P15).

Percebe-se, nos dois questionamentos acima, uma tendência dos professores a adaptar-se às demandas que vão surgindo ao longo da história. Entretanto, apesar de construir suas práticas, seu comportamento profissional e sua individualidade adequando-se às novas incumbências do setor educacional, o professor tenta, a todo custo, incutir à suas práticas o seu modo único de ensinar, a diferença enquanto educador, a sua Professoralidade.

8. Eu me reinvento, tu te reinventas, eles aprendem.

Educar outros seres afigura-se, desde a antiguidade e em qualquer âmbito social, tarefa árdua e complexa, entretanto, nunca se viu tantas mudanças conceituais, sociais e tecnológicas interferindo no campo educacional quanto na Pós-modernidade. No intuito de fazer um levantamento das principais queixas dos professores sobre o cotidiano de suas salas de aula, o comportamento dos alunos e as estratégias desenvolvidas pelos educadores para responder a essas dinâmicas, elaboramos três questões que consideramos cruciais. A saber:

- Existem fatores que lhe deixam desmotivado em sala de aula? Quais são?
- Quais as principais estratégias que você utiliza para lidar com os fatores citados acima?
- Quais as características da sua prática de ensino que lhe diferenciam de outros professores?

Para a primeira pergunta foram fornecidas as seguintes respostas:

Professor	Existem fatores que lhe deixam desmotivado em sala de aula? Quais são?
P1	Sim. Indisciplina e falta de compromisso dos pais.
P2	Sim. O desinteresse, a indisciplina, o desrespeito
P3	Desinteresse dos alunos; direção dos colégios; baixos salários.
P4	Diversos. Falta de estrutura das escolas. Escassez de materiais disponíveis, tempo das aulas, comportamento.
P5	Sim. Falta de atenção, falta de respeito, falta de compromisso, conversas paralelas e tantas outras coisas oriundas de uma má educação.
P6	Sim. O desrespeito, o desinteresse, o não cumprimento de regras básicas de convivência e a falta de perspectiva dos alunos.
P7	Indisciplina e a falta de interesse dos alunos.

P8	Um dos principais fatores para a desmotivação é a falta de interesse, a quantidade de alunos e a baixa remuneração.
P9	Sim. A falta de respeito, falta de interesse por parte dos alunos, turmas lotadas além da capacidade, entre outros.
P10	Sim. Desinteresse do alunado. Alunos desmotivados, alunos rebeldes.
P11	Sim! Vários. Desinteresse por parte dos alunos, apoio aos professores quando precisam, estrutura no ambiente, segurança, salas de apoio (laboratório), etc.
P12	A falta de respeito dos alunos.
P13	O desinteresse familiar em nos ajudar na educação, achando que a responsabilidade nossa é total e não parcial.
P14	O fator que me deixa triste é o não reconhecimento da profissão que é manifestada nos baixos salários, outro fator é a falta de recursos didáticos, desinteresse dos alunos, evasão escolar, pois muitos desistem na metade do caminho. Então como estratégia primeiro com relação a salário de professor, primeiro ministro aulas de reforço de Filosofia Contemporânea e de Estética na universidade, pois como sou aluno de Filosofia também, as pessoas me pagam por aulas de reforço. Também estudo para conseguir passar em outro concurso para ter estabilidade, meu trabalho em relação à qualidade infelizmente vai diminuir mas só assim terei um salário bom. Com relação à falta de recursos didáticos, sempre que posso trabalho com Literatura, músicas e, às vezes, dinâmicas em sala, para que a aula se torne mais proveitosa. Já com relação à evasão, procuro sempre motivar os alunos mostrar que eles, por estarem na escola são vencedores, e que o caminho do estudo leva maior possibilidade de vencer na vida, principalmente onde na escola que trabalho 95% do alunado são pessoas carentes, até mesmo de comida.
P15	Sim. A falta de motivação muitas vezes demonstradas pelos estudantes.

No quadro acima percebemos que os principais fatores listados pelos professores foram o desinteresse, a indisciplina por parte dos alunos e os baixos salários da profissão. Esses fatores foram enfaticamente listados pelos sujeitos entrevistados, além disso, a maioria ainda frisou que tais problemas resultam, muitas vezes, da própria desestrutura familiar.

Tal observação constitui-se bastante relevante porque mostra que, apesar do professor estar consciente do aumento da cobrança social dentro das salas de aula, também reconhece que grande parte da origem dos problemas encontrados no contexto escolar tem sua origem no ambiente familiar e está além do alcance de suas forças.

Esse reconhecimento é importante porque muitos profissionais têm entrado em depressão, adoecido e, até mesmo, desistido da profissão quando se vê diante desses fatores. O que pode ser um indício de que esses professores, que não conseguem lidar com tais problemas e permanecer na carreira, têm dificuldade em desenvolver sua Professoralidade.

Dito isto, vejamos quais as respostas dadas à segunda pergunta:

Professor	Quais as principais estratégias que você utiliza para lidar com os fatores citados acima?
P1	Rodas de conversa, temas transversais, diálogo, vídeos motivadores.
P2	Procuro metodologias mais atrativas.
P3	Apenas observo
P4	Não utilizo. Meu baixo salário não me permite tirar do meu bolso.
P5	Tento trazer atividades que os acalmem, e que possa despertar o interesse deles, a exemplo da música. A melodia acalma e a letra pode servir para uma boa discussão.
P6	Procuro manter uma postura de respeito e de diálogo, na tentativa de aproximação e, assim, poder mostrar a eles a importância da Educação.
P7	Mostrar a importância dos conteúdos.
P8	Procuramos sempre tornar as aulas mais dinâmicas, construtivas e fazemos o possível para melhorar a qualidade do ensino/aprendizado.
P9	Procuro ser objetiva e dinâmica nas aulas e honrar com meus compromissos, não faltando às aulas.
P10	Inovando na metodologia, se aproximando

	na pessoa de um companheiro. Procurando refletir a importância da vida e de estudar.
P11	A estratégia comum do dia a dia, de acordo com a realidade e dentro dos acontecimentos vou ministrando minhas aulas dentro do possível e assim dando continuidade ao ensino.
P12	Muita conversa com os alunos.
P13	Tentando conciliar e fazer parceria com família para assim ajudarmos no crescimento educativo.
P14	Como me encaixo nesta nova geração de professores de História, pois na graduação as disciplinas pedagógicas para o ensino de História traziam novas teorias, abordagens e métodos de ensino, sempre que posso trabalho a disciplina a partir da descontinuidade. Exemplo: Discussões sobre escravidão no Brasil, gosto de dar voz aos escravos, para fugir das discussões dos livros didáticos que ainda trabalham na ideia da luta de classes, gosto muito de fazer ponte entre a História e a Literatura, músicas também são interessantes e sempre trabalho. Quando...
P15	Tento orientá-los e mostrar a importância de estudar sob diversos aspectos. Adquirir conhecimentos e repassá-los. Oportunidade de emprego no mercado de trabalho, etc.

Na tentativa de driblar os problemas encontrados no cotidiano escolar, a maioria dos professores parece apresentar uma postura ativa diante das situações. Entretanto, percebemos que as estratégias orbitam em torno da conversa e da inovação metodológica.

Este fato não é de todo ruim, porém, percebemos a ausência de uma postura mais socializante, de uma abordagem mais sociocognitiva por parte dos educadores entrevistados, uma vez que, saber o limite de sua responsabilidade enquanto educadores não os exime de encontrar formas de atribuir sentidos para o ato educativo e mostrar ao aluno as implicações sociais da educação ou de sua falta.

Vislumbramos um indício dessa preocupação nas respostas dos professores P6, P10, P14 e P15. Em suas respostas, esses sujeitos afirmam que, durante suas aulas,

procuram realizar um trabalho de conscientização, de reflexão com seus alunos. Mostrando a importância dos conteúdos aprendidos na escola para sua própria vida.

Por outro lado, percebemos nas respostas dos professores P3 e P4 uma imobilidade, certo comodismo diante dos mesmos problemas citados. P3 não apresenta nenhuma justificativa para tal posicionamento enquanto P4 recorre à realidade dos baixos salários e à carência de material.

Mesmo esses professores que preferem adotar uma atitude mais isenta diante dos fatores apresentados, estão de certo modo, construindo a sua Professoralidade. Pois, a escolha de não agir também constitui uma escolha. Além disso, devemos lembrar que a Professoralidade constitui, como afirmado anteriormente por Pereira, um estado em constante risco de desequilíbrio, de modo que, possivelmente, em algum momento eles poderão mudar sua estratégia e posicionar-se de outras formas.

Finalmente, após fazer a constatação dos problemas que mais afligem os sujeitos entrevistados no seu cotidiano escolar, questionamos quais as características de sua prática de ensino que os diferenciam dos outros professores.

Vejamos as respostas na tabela abaixo:

Professor	Quais as características da sua prática de ensino que lhe diferenciam de outros professores?
P1	A relação professor-aluno, afetividade no limite.
P2	Me preocupo com a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos. Não diria que diferenciam
P3	Tento ser dinâmico nas aulas
P4	Empatia com os alunos.
P5	Acredito ser a tentativa de fugir do tradicional, e produzir aulas que possam despertar o interesse dos alunos.
P6	Não percebo minha prática de ensino diferente da prática dos meus colegas. Todos tentamos nos guiar pelo diálogo e pelos objetivos das nossas disciplinas.
P7	Tenho a liberdade de escolher o conteúdo a ser ensinado.
P8	Um dos fatores que procuro utilizar para tornar o ensino/aprendizado mais eficiente e produtivo é conhecer a realidade do aluno e procuramos ajudá-lo o máximo

	possível.
P9	Procuo envolver os alunos nas quatro habilidades (fala, escrita, leitura e escuta) além de utilizar outros recursos fora o livro didático.
P10	Talvez me colocar na posição de colega deles.
P11	Acredito que não tenho. Mas comentam que sou diferente, pois "segundo" meus alunos, minha característica é que antes de tudo tenho 10 minutos de conversa com eles, não é só Matemática.
P12	Responsabilidade. Compromisso. Tenho amor pelo que faço.
P13	A única diferença é que trabalho com mais amor, tentando ajudá-los de maneira que possam ter mais liberdade de expressão.
P14	Sim. Mesmo que exista alguns alunos mais travessos, eles, de certa forma (da maneira deles), procuram assistir minha aula.
P15	Não me sinto diferente dos outros professores em nenhum aspecto. Mas, algumas vezes levo em consideração a situação particular do estudante para tentar ajudá-lo como posso.

No que concerne a representação de sua própria prática realizada pelos professores entrevistados, consideramos relevante analisar mais detalhadamente os dados apresentados.

Em P1 vemos uma concepção de interação professor-aluno que além de envolver a afetividade, mostra importante preocupação com as conseqüências dessa interação. O sujeito afirma que a afetividade desta relação em sua prática possui um limite.

P2, por outro lado, afirma que a sua preocupação com o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos não deve ser considerada uma diferença o que pressupõe que ele acredita que todos os seus pares têm a mesma preocupação.

P3 diz utilizar dinâmicas em suas aulas. Percebemos uma crença construtivista, apesar de limitada, uma vez que o sujeito acredita que a utilização de uma postura dinâmica em suas aulas, por si só, constitui uma diferença significativa em sua prática de ensino. Entretanto o sujeito não fornece mais detalhes sobre a composição dessa postura.

P4 Afirmou utilizar sua empatia com os alunos, entretanto, percebemos uma contradição neste discurso, pois na questão anterior disse não utilizar estratégias para lidar com os fatores que o deixam desmotivado durante as aulas por causa do baixo valor do seu salário.

P5 assegura tentar fugir do tradicional produzindo aulas que despertem o interesse dos alunos. Percebemos nesse discurso uma adesão à visão tradicional do perfil do professor como sendo responsável único por conduzir o aluno ao aprendizado.

P6 também não reconhece em sua prática diferenças fundamentais da prática de seus colegas. Entretanto, afirma que não apenas ele mas também seus pares tentam guiar-se pelo diálogo e pelos objetivos de suas respectivas disciplinas, o que indicia, em seu discurso, uma necessidade de ocultação da individualidade de sua prática, enquanto prefere aderir a uma postura que considera ser aquela adotada pela coletividade profissional a que pertence

P7 respondeu que é livre para escolher o que será ensinado, o que demonstra certa ceticidade às diretrizes curriculares nacionais, entretanto, mostra também que o sujeito reflete sobre o que seria mais relevante ensinar aos seus alunos, revelando aquilo que seria sua diferença.

P8 considera relevante conhecer a realidade do aluno e procurar ajudá-lo de acordo com esta realidade. Tal postura revela-se empática uma vez que reconhece a influência de fatores familiares no processo de aprendizagem dos alunos.

P9 apresenta uma postura mais didaticista em sua professoralidade, percebemos isso na medida em que caracteriza sua estratégia através de procedimentos de cunho didático (trabalho com as quatro habilidades lingüísticas: fala, escrita, leitura e escuta).

P10, por sua vez, revela certa insegurança ao tentar descrever sua estratégia de enfrentamento dos fatores-problema citados por ele anteriormente. Essa insegurança é percebida através da utilização do marcador lingüístico “talvez” posicionado antes de sua estratégia, a de colocar-se na posição de “colega dos alunos”. Esse coleguismo pode referir-se ao relacionamento professor-aluno propriamente dito ou à forma de enxergar o aluno dentro do contexto escolar. Tal ambiguidade discursiva revela uma professoralidade expressamente aberta e em construção.

P11 mostra certa contradição em seu discurso, uma vez que, afirma acreditar que não possui nada que o diferencie dos outros professores, mas, ao mesmo tempo, diz que seus alunos apontam uma diferença em sua metodologia, a saber, o hábito de utilizar os dez minutos iniciais da aula para conversar sobre outros assuntos com eles, além da

disciplina ensinada. Tal contradição pode indiciar uma tentativa de “modéstia” por parte do professor (nesse caso ele seria consciente de sua diferença), ou pode indicar que o sujeito não tem consciência da forma como sua postura afeta a forma como os alunos o enxergam dentro do contexto geral de todas os professores com quem estes se relacionam.

P12, diferentemente da maioria de seus colegas, apresenta um discurso seguro e confiante para caracterizar sua prática, utilizando, para isso, as palavras “responsabilidade”, “compromisso” e “amor”. A escolha lexical realizada por este sujeito denota uma ideologia tradicional, porém reflexiva de ensino e revela uma professoralidade mais ancorada e, de certo modo, estabilizada.

P13 também evoca em seu discurso o “amor à profissão”, entretanto, seu posicionamento resume-se à esfera do sentimento. Tal postura é reafirmada quando o sujeito menciona que, devido à sua capacidade de oferecer uma didática mais amorosa, proporciona ao aluno uma maior liberdade de expressão. Percebe-se, neste discurso, uma professoralidade marcada pela utopia da alegria de ensinar mencionada por Rubem Alves em seu célebre “A alegria de ensinar”.²

P14, apesar de responder que acredita possuir algo que o diferencie de outros professores, não descreve, nesta resposta, nenhuma estratégia que possa ilustrar tal diferença, apenas afirma que sua crença baseia-se no fato de que os alunos procuram assistir suas aulas. Tal postura, revela uma professoralidade egocêntrica e ainda em maturação, especialmente se relacionarmos esta resposta às demais respostas oferecidas por este sujeito, às quais direcionam-se sempre à formação do sujeito entrevistados não à sua prática de ensino.

P15, do mesmo modo que P11, inicialmente afirma que não percebe diferença em sua prática com relação aos seus pares, porém, ressalta que, eventualmente, leva em consideração a situação particular de alguns alunos e tenta ajudá-lo na medida em que a situação lhe permite. Tal postura mostra um aspecto ainda não mencionado pelos outros sujeitos, a saber, o limite da influência do professor na aprendizagem do aluno. O entrevistado reconhece que, além da iniciativa do professor na direção de contribuir para a aprendizagem do aluno, considerando os fatores de sua vida privada, existem fatores que estão fora da alçada profissional do educador, revelando uma visão mais

² ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. 3. ed. São Paulo: Ars Poética, 1994.

realista do papel social de sua profissão e, conseqüentemente, uma Professoralidade mais madura.

9. A construção da diferença

O último grupo de questões que consideramos relevante incluir na pesquisa para investigar traços da Professoralidade na amostra foi o seguinte:

- Você considera seu relacionamento com os alunos satisfatório? Por quê?
- Qual o seu posicionamento diante das constantes notícias de agressões a professores por parte de alunos?
- Você acha que os professores deveriam seguir um padrão mínimo de comportamento dentro de sala de aula? Por quê?

A seguir, o levantamento dos aspectos que consideramos mais importantes das respostas dos professores.

Professor	Você considera seu relacionamento com os alunos satisfatório?
P1	Sim, é necessário uma linha horizontal para que haja uma aprendizagem significativa.
P2	Sim considero, pois respeito todos os meus alunos e os trato por igual, sem distinção alguma.
P3	Acredito que sim pois existe um respeito mútuo
P4	Sim. Devido a empatia.
P5	Sim. Procuo tratá-los com respeito e sinto que isso é recíproco.
P6	Não como desejo. Sinto muita resistência de alguns, quando tento aproximações.
P7	Tenho um bom relacionamento com a maioria.
P8	Não. A quantidade de alunos não dá pra ter um relacionamento e conhecer toda a realidade do alunado.
P9	Sim, porque há respeito por parte de alguns.
P10	Sim Devido ao respeito que existe.
P11	Sim! Pois como falei anteriormente, não trabalho com eles só a Matemática pura, converso com eles sobre tudo que interessa!
P12	Sim. Mesmo observando a falta de respeito dos alunos sinto que gostam de mim.
P13	Muitas vezes, pois procuro fazer amizade e conhecê-los melhor para solidificar esse relacionamento.

P14	Sim, mesmo que exista alguns alunos mais travessos, eles de certa forma (da maneira deles), procuram assistir minha aula.
P15	De um modo geral sim. Os mesmos só reclamam muito, devido ao fato de eles mesmos comentarem que gosto de escrever muito.

Como se percebe, a maior parte dos entrevistados afirma ter sim um bom relacionamento com os alunos e, além disso, destaca a importância de tal fato. Um dado interessante e recorrente a ser ressaltado é que os sujeitos P1, P2, P3, P5, P9, e P10 mencionam o respeito mútuo como um fator crucial na relação professor-aluno. Por outro lado, os sujeitos P6 e P8 apresentam um pensamento diferente dos demais.

P6 afirma que não possui um bom relacionamento com os alunos como gostaria por causa da resistência por parte destes, porém não menciona nenhum tipo de estratégia de sua parte para lidar com a realidade apresentada.

P8, por sua vez, indica a grande quantidade de alunos como causa para o não estabelecimento de um relacionamento com os alunos. A natureza do seu argumento por si só denota uma autojustificativa, já que a superlotação nas salas de aula foge do campo de intervenção do professor. Este não pode fazer muita coisa para atenuar o problema.

Além disso, há ainda a questão levantada pelo sujeito P12, segundo a qual, apesar de não haver respeito ele consegue manter um bom relacionamento com os alunos. Tal afirmação mostra que o sujeito trata o respeito como sendo algo que pode ficar de fora da relação professor-aluno, pensamento este bastante polêmico e que revela parte de sua professoralidade.

A questão abaixo foi colocada no questionário com a finalidade de perceber como os sujeitos encaram o aspecto agressivo que tem estado cada vez mais presente na relação professor-aluno e o que eles fazem para lidar com tal realidade. Observemos as respostas apresentadas:

Professor	Qual o seu posicionamento diante das constantes notícias de agressões a professores por parte de alunos?
P1	É triste, desanimador, precisamos de uma política de paz.
P2	De revolta, tristeza e abandono, estamos a mercê de políticas públicas e gestões que

	encobrem a indisciplina dentro das escolas e não dão as devidas punições aos responsáveis.
P3	Vejo com preocupação e espero que aconteça uma reforma no sistema de ensino o mais rápido possível.
P4	Debates em sala de aula.
P5	Acredito que este tipo de comportamento vem da desestrutura familiar, muitos alunos vivenciam esta realidade violenta dentro do lar. Mas também falta políticas públicas que melhorem esta realidade.
P6	Sinto medo e revolta. Questiono como a sociedade, o Estado e nós mesmos, deixamos a situação chegar a esse ponto.
P7	Deve-se tomar posições mais severas diante desses fatos.
P8	Um dos problemas das escolas brasileiras são as agressões, por falta de medidas mais enérgicas e severas, por conta de falta de punição consequentemente os agressores continuam a praticar a violência.
P9	Fico muito triste, além de pedir a Deus que me livre deste mal. A mim e aos meus colegas. Há algo que precisa ser feito urgentemente por parte das autoridades.
P10	Isso é reflexo do descaso com a educação.
P11	É o seguinte! O professor que foi agredido por aluno foi porque procurou! Desculpe a sinceridade, pois estou em sala há mais de 25 anos, minha esposa há mais de 25 anos também ensinamos em favelas no Recife e no Rio de Janeiro, nunca tivemos, graças a Deus, nada com ameaças!
P12	Me preocupo bastante e isso faz com que esteja sempre alerta.
P13	Fico triste quando escuto esses noticiários até porque nossa profissão é muito nobre e observamos que o respeito deve ser recíproco.
P14	Acredito que este é um reflexo da nossa legislação, pois desde que se instituiu o ECA, na época de Collor, que garantem um tratamento com o menor diferente, o menor de idade por ser uma pessoa esclarecida mais dos seus direitos do que pelos seus deveres, pois a mídia vem sempre veiculando casos de violência não apenas na escola, mas também no mundo

	urbano com uma naturalidade, muitos alunos perdem os limites (ultrapassam) do certo ou do errado, pois a própria lei os protege. Estou falando isso porque vivemos no mundo da informação e a violência é uma mercadoria muito bem vendida pela mídia, e os jovens são pessoas que, embora maus alunos na escola, sabem que não podem ser punidos por conta da lei do menor. Na minha opinião, essa questão embora não se resolva moralmente, ela só vai diminuir bastante, com mudanças no nosso código de leis, principalmente no que tange ao ECA.
P15	Para mim o que acontece com o mundo hoje é algo já profetizado pelas escrituras. Onde na mesma consta que no final dos tempos ocorreriam diversas coisas desde. E a agressão gerada pelos estudantes demonstram muitas vezes a ausência de Deus nos corações.

A tabela acima traduz uma realidade intrigante. Apesar da grande maioria dos professores descrever sentimentos como medo, tristeza, insegurança e angústia, três sujeitos, P11, P14 e P15 descrevem um pensamento que difere bastante do pensamento coletivo.

P11 afirma categoricamente que o professor é culpado pela agressão que sofre por parte do aluno. Tal afirmação revela-se polêmica e radical, uma vez que, a violência mencionada é a violência física. Ainda que a atitude do professor durante o cotidiano escolar influencie diretamente o comportamento do aluno, será que existe realmente implicação direta entre essa influência e as constantes agressões que têm ocorrido contra os professores.

P14, por sua vez, evoca o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA e descreve a flexibilidade da lei como responsável pelo padrão cada vez mais agressivo dos alunos.

P15, por outro lado, aponta um aspecto religioso como sendo causa do comportamento dos alunos. Sua afirmação é claramente exemplificativa da diferença identitária produzida pela professoralidade e suscita outra questão polêmica no campo da educação, a saber, a utilização de valores religiosos dentro da escola.

A próxima questão teve o objetivo de verificar a visão do professor acerca da Identidade e dos padrões sociais. Até que ponto ele reconhece sua diferença em relação aos outros e até que ponto valoriza a adoção de comportamentos padrões dentro de sala de aula.

Professor	Você acha que os professores deveriam seguir um padrão mínimo de comportamento dentro de sala de aula
P1	Não. Dependente de cada turma, não existe padrão mínimo (...) existe a situação que deve ser resolvida.
P2	Sim. A conduta do profissional pode contribuir para todos os outros que ali lecionam se for uma conduta adequada.
P3	Não, pois cada um tem sua própria maneira de ensinar.
P4	Com certeza. Porque sem um padrão, ocorrerá injustiças para com os alunos.
P5	Sim. O mínimo que se espera de um professor é que ele tenha ética em todos os sentidos, assim terá compromisso no trabalho e respeito por todos!
P6	Sim. Somos formadores de opinião, educadores da sociedade, portanto, precisamos ser exemplos para nossos alunos. Como exigir respeito dos meus alunos, se pratico o desrespeito contra eles? É incoerente!
P7	Isso ajudaria a organizar as salas e diminuir o mal comportamento.
P8	Sim. Era importantíssimo para que o ensino/aprendizado tenha produtividade, eficiência, construtivismo e desenvolvimento.
P9	Sim. É exigido dos professores uma certa postura porque apesar de tudo, o professor ainda é visto como um modelo para os alunos.
P10	Sim. Somos educador em qualquer lugar.
P11	Sim. O professor deve ter compromisso no que faz. Independente do que ganha e do que vive em sua realidade, o social é muito mais importante.
P12	Sim, cada professor é único e deve seguir padrões de comportamento aceitos socialmente.
P13	O que devemos seguir é não padrão mas apresentar testemunho de que nós somos iguais a eles, perante Deus e a lei.
P14	Lógico que sim, evidente, somos um

	exemplo a ser seguido como já falei em outra questão. Então, temos que ser exemplo desde chegar sempre preparado para as aulas, assim como ter preocupação com nossa aparência, vocabulário, não chamar palavras de baixo calão, nem em sala de aula tampouco na sala dos professores, até porque existem colegas, que embora eu goste, não possui noções de comportamento e vocabulário.
P15	O padrão mínimo deveria ser pelo menos a educação que adquirimos com nossos pais desde crianças (respeitar o próximo, etc.)

A amostra pode ser dividida em dois grupos: os professores que consideram que seria positiva a adoção de um comportamento padrão em sala de aula e os professores que valorizam a individualidade comportamental do educador.

No primeiro grupo temos os sujeitos P4, P5, P6 e P8 que se limitam a defender a importância do padrão no tratamento da coletividade discente. Neste mesmo grupo, temos alguns sujeitos que, além de realizar essa defesa, ressaltam um aspecto específico em sua argumentação. A saber, P2 ressalta que a adoção de um padrão é benéfica desde que este seja adequado ao ambiente escolar. Tal afirmação mostra que o sujeito reconhece que alguns de seus pares atuam com uma conduta inadequada para a sala de aula. P6 adere à fala dos teóricos ao lembrar que os professores são formadores de opinião daí a necessidade de se seguir certo padrão. P7 afirma que a adoção de um padrão organizaria as salas e diminuiria o índice de mau comportamento entre os alunos. Esta fala revela que este sujeito considera o comportamento do professor como decisivo no comportamento do aluno. P10, além de defender o padrão comportamental do educador em sala de aula, apresenta uma visão padronizante do próprio sujeito-professor, uma vez que afirma que o educador deve agir da mesma forma em qualquer ambiente. P12, surpreendentemente, apresenta um posicionamento contraditório, pois afirma que o padrão deve ser adotado devendo o professor adequar-se aos padrões socialmente aceitos, mas, ao mesmo tempo, diz que cada professor possui sua singularidade. P13 defende o padrão desde que ele seja composto por valores religiosos. E, por fim, P14 defende que o padrão real que deveria ser adotado é a educação familiar. O sujeito entra em um terreno delicado, uma vez que, grande parte dos alunos da rede pública de ensino vive em uma estrutura familiar carente de valores sociais.

10. Considerações finais

As mudanças trazidas pela pós modernidade com seu aparato tecnológico, financeiro e multicultural afetaram, como não poderia deixar de ser, diretamente o campo educacional e, conseqüentemente o papel social do professor.

O professor passou a ser enxergado sob outros pontos de vista, tanto por parte da sociedade, quanto por parte do próprio sujeito educador. Além de ter que aprender a lidar com a redefinição de seu papel social, o professor, enquanto indivíduo freqüentador de outros âmbitos sociais, viu-se diante da necessidade de selecionar aqueles aspectos que construiriam seus pontos de apegos identitários na esfera escolar e nos demais setores sociais.

Nesse contexto, a Professoralidade surge como uma alternativa para essa demanda de aspectos identitários dos quais o educador precisa lançar mão na construção do seu agir profissional, da sua prática cotidiana.

Entretanto, esse processo nem sempre ocorre conscientemente. Muitos professores ainda estão confusos quanto às repercussões das transformações mencionadas e têm dificuldade na elaboração de estratégias para lidar com as referidas mudanças.

Este trabalho objetivou descrever as nuances desse processo na prática de alguns professores de uma escola estadual da cidade de Campina Grande – PB, comentando sobre suas particularidades.

Percebemos que, de fato, a maioria dos professores envolvidos na pesquisa sente as dificuldades de lidar com as demandas identitárias, porém, não reflete sobre suas origens, conseqüências ou formas de lidar com tal fato.

Acreditamos que uma forma de amenizar tal desconhecimento seria incluir, ainda nas graduações discussões sobre esse fazer específico, sobre a construção da Professoralidade, sob uma ótica reflexiva e ativa. Tal conscientização orientada durante a graduação poderia ajudar os alunos – futuros educadores – a entrar na vida profissional atentando para a relevância de suas posturas cotidianas dentro de sala de aula.

Outra forma de incentivar uma maior reflexão acerca da Professoralidade por parte dos educadores seria a promoção de encontros pedagógicos. Esses encontros poderiam ser iniciativas federais, regionais, municipais, ou, até mesmo, locais, promovidas pelas escolas, entre a direção e seus professores no intuito de capacitar os educadores e, ao mesmo tempo, possibilitar uma reflexão didático-pedagógica e identitária dotada de um

caráter prático, baseada na experiência real e comum que esses professores, por ventura, possuam ao atuar na mesma escola.

O importante é que se comece essa nova etapa do processo reflexivo sobre a educação, a fim de que se priorizem as ações e ferramentas didático-pedagógicas que, além de auxiliar no ensino-aprendizagem, vá além dele e ajude os educadores a produzir marcas positivas na identidade dos alunos, já que a interação professor-aluno gera mais do que futuros profissionais, afeta decisivamente o desenvolvimento de sujeitos sociais.

11. Referências bibliográficas

HALL, S. Quem precisa de identidade. In: SILVA, T. T. (Org.). Identidade e diferença. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____, S. A identidade cultural na pós-modernidade. A identidade em questão, Rio de Janeiro: DP&A, 2006, v. 11.

HARVEY, D. The Condition of Post-Modernity. Oxford: Oxford University Press, 1989.

LACLAU, E. New Reflections on the Resolution of our Time. Londres: Verso, 1990.

PEREIRA, M. V. Estética da Professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor / Marcos Villela Pereira. – Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

RABELO, A. O. Memória e subjetividade: elementos para refletir sobre a singularidade das professoras. Revista Educação, Santa Maria v. 32 - n. 01, p. 183-200, 2007 183. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/ce/revista>>. Data de acesso: 02/09/2014.

SILVA, T. (Org) Identidade e diferença. Petrópolis: Vozes, 2000.

12. Apêndice



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E INTERDISCIPLINARES

QUESTIONÁRIO – PESQUISA COM PROFESSORES

1. Há quanto tempo você leciona?

2. Qual disciplina você ensina?

3. Você se sente alegre ao trabalhar como professor?

- a. Sim
- b. Não
- c. Mais ou menos

4. Você escolheu a profissão por vocação ou por outros motivos? Quais?

5. Você acha que existe diferença entre exercer a profissão de professor há vinte anos atrás e atualmente? Por que?

6. Em sua opinião, existem diferenças entre os conceitos de professor e educador? Quais?

7. Existem fatores que lhe deixam desmotivado em sala de aula? Quais são?

8. Quais as principais estratégias que você utiliza para lidar com os fatores citados acima?

9. Quais as características da sua prática de ensino que lhe diferenciam de outros professores?

10. Você considera seu relacionamento com os alunos satisfatório? Por que?

11. Em sua opinião, o professor, enquanto sujeito social, comporta-se da mesma forma dentro e fora da sala de aula? Por que?

12. Você já pensou ou pensa em mudar de profissão?

- a. Sim
- b. Não

13. Qual o seu posicionamento diante das constantes notícias de agressões a professores por parte de alunos?

14. Você considera mais fácil ensinar a alunos do ensino fundamental ou médio? Por que?

15. Você acha que os professores deveriam seguir um padrão mínimo de comportamento dentro de sala de aula? Por que?
